



LER A MÃO E OLHAR O PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE. UMA RESENHA DE *CIGANOS: HISTÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA* (2018)

[10.29073/naus.v3i1.861](https://doi.org/10.29073/naus.v3i1.861)

RECEÇÃO: 13 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 15 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 31 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Fabio Lima , Centro de Estudos Jurídicos Celso Barroso Leite, Brasil, fabiolucas74@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O livro *Ciganos: História, Identidade e Cultura* traz um fascinante e misterioso olhar sobre a caminhada dos ciganos pela história, passando pela Península Ibérica, até o ponto em que a autora direciona o seu texto e sua pesquisa para as comunidades e grupos ciganos no estado do Rio Grande do Sul. A edição é muito esmerada e apresentada pela Editora Fi em 339 páginas.

Débora Soares Karpowicz é doutora em História pela PUC do Rio Grande do Sul, mestre em História também pela PUC do Rio Grande do Sul, e desenvolveu pesquisa no seu doutoramento relacionada com a história da penitenciária feminina Madre Pelletier de Porto Alegre. No seu mestrado, o objeto da sua dissertação teórico-empírica está na presente publicação, *Ciganos: História, Identidade e Cultura*, que trata da história dos ciganos e da sua presença no território do Rio Grande do Sul.

Na parte introdutória, ocorre a declaração da perspectiva metodológica da pesquisadora, que enfatizará a importância da técnica de realização de entrevistas para penetrar no mundo cigano, demonstrando pleno conhecimento da temática que irá trabalhar na sua obra.

2. OS CAPÍTULOS DO LIVRO

No Capítulo 1, a autora discorre sobre a bibliografia no Brasil, em Portugal e no mundo sobre as origens dos Ciganos. Desde indícios de textos antigos que a eles se referiam como egípcios, até estudos linguísticos que indicam a sua origem no subcontinente indiano, os estudos etnográficos e antropológicos irão percorrer a história sofrida de um povo que luta para manter sua identidade cultural, mas é perseguido enquanto etnia e unidade sociocultural que se distingue das civilizações ao seu redor: “A pureza das línguas e das raças é enfatizada pelos teóricos da época. Novas conclusões científicas irão ressaltar as desigualdades e a inferioridade de uns em detrimento a superioridade de outros” (Karpowicz, 2018, p. 79).

Essa discriminação, que, como relata a autora, perpassou pela pena de degredo e até mesmo de morte no caso de não emigração até à escravização em alguns países, é uma constante na historiografia brasileira, desde o período colonial, com a presença da Inquisição na Bahia e em Sergipe, por exemplo, até mesmo no período Imperial, em que se pesquisava a presença de sangue cigano ou canarinho para impedir a concessão de títulos nobiliárquicos (Mott, 2013). Essa situação de dor e de agruras é muito bem sintetizada por Karpowicz (2018):

Os estudos sobre as migrações mostram que as levas de pessoas que circulavam a procura de melhores condições ou fugidos de represálias governamentais ou religiosas, muitas vezes, não possuía documentação ou, em diversos casos, quando tinham documentos eram falsos (Karpowicz, 2018, p. 71).

Tais disparates, de uma humanidade civilizada que tem dificuldades de lidar com a complexidade das diferenças culturais, é o mesmo acintoso disparate que levou o nazismo a pretensiosamente proceder ao holocausto de judeus, ciganos, homossexuais e testemunhas de Jeová.



No Capítulo 2, a partir do rico registo feito pela literatura de viagem pelo Brasil no Século XIX, a autora faz a descrição histórica dos grupos ciganos e sua participação no comércio escravagista no Brasil Império.

A descrição do cigano como um elemento colocado à margem do padrão social estereotipado, segundo a autora, denota o etnocentrismo europeu que impõe o modelo ideal de sociedade:

analisar a aparência destes grupos a partir do olhar e das representações dos viajantes é, de certa forma, analisar a construção da própria identidade cigana, haja vista que compreendemos a construção da identidade a partir das diferenças com relação ao “outro”. Sendo assim, para tomarmos consciência da nossa cultura é necessário defrontar-nos com outras culturas (Karpowicz, 2018, p. 110).

O final deste capítulo ganha uma tônica um pouco descritiva dos sábios autores dos registos de viagens, podendo a autora ter aprofundado um pouco mais a questão da religião e das crenças do cigano na visão desses autores, cotejando com os cantos e folclore desse povo.

No Capítulo 3, Karpowicz (2018) inicia a temática a ser debatida no capítulo, discutindo o etnocentrismo que envolve rotulações e discriminações pela incapacidade de compreender a visão de mundo diversa do paradigma eurocêntrico:

Do ponto de vista histórico, os estudos sobre ciganos denunciam um processo de constantes choques culturais e de exclusão social. Um grande problema para se compreender o que é “ser cigano” é conseguir desvendar o mosaico multicultural que muitas vezes não passa de uma construção apenas do imaginário dos não-ciganos” (Karpowicz, 2018, p. 129).

Essa discussão sobre a percepção que se tem da cultura cigana mexe com a dinâmica do convívio entre povos e culturas diferentes, mantendo o interesse do leitor. A descrição agora real de grupos que residem e trabalham em tendas vem acompanhada de fotos, o que prende a atenção. De secções mais teóricas, passa-se a ver a rotina do grupo visualmente nos registos fotográficos. Os campos planos do Rio Grande do Sul em Alvorada e Gravataí remetem-nos às pradarias asiáticas de onde ou por onde vagaram os ancestrais dos ciganos.

Descrevendo as principais denominações ou ramos de ciganos no que a autora chamou de “unidade na diversidade”, Karpowicz (2018) apresenta-nos os grupos ‘Calon’, ‘Rom’ e ‘Sinti’, os quais segundo a autora: “não falam a mesma língua, nem todos vivem em acampamentos, nem todos fazem fogueira e leem a sorte, no entanto todos se autodenominam por “ciganos” (p. 143). E assim o Capítulo 3 se encerra, tecendo uma análise de diversos aspectos da economia doméstica, vestimentas, costumes, para entender o que é o “ser” cigano.

O Capítulo 4 apresenta a metodologia e os resultados de uma interessante pesquisa de campo, realizada com o objetivo de colher a percepção dos brasileiros sobre os ciganos e a percepção destes acerca dos brasileiros:

brasileiros e ciganos que, em relação aos primeiros, houve a reprodução de estereótipos ou representações distorcidas acerca dos ciganos, aspecto já evidenciado no estudo sobre os relatos dos viajantes. Assim sendo, embora significativo número de brasileiros afirme conhecer as tradições ciganas, este conhecimento está baseado no senso comum e as imagens construídas são remanescentes dos estereótipos seculares transmitidas através de relatos orais (Karpowicz, 2018, p. 227).

Encerra-se a obra, fruto do curto período de dissertação de mestrado de Karpowicz, com a curiosidade sobre a situação dos ciganos nos outros estados da Federação, de norte a sul e de leste a oeste na imensidão desses Brasis.



3. CONCLUSÃO

Nesta resenha crítica, apresentou-se o autor e a sua obra para contextualizar o leitor. Em seguida, os temas foram trazidos, capítulo a capítulo, desde a história da peregrinação dos ciganos no mundo até sua chegada ao Brasil e, mais especificamente, ao Rio Grande do Sul.

A autora fez extensa pesquisa bibliográfica, análise documental criteriosa e uma pesquisa qualitativa utilizando técnicas de entrevistas semiestruturadas em profundidade, o que traz uma riqueza de dados para um assunto tão instigante e importante para a compreensão do povo cigano.

Embora, nas palavras da autora, *a obra não tenha pretensão de esgotar o assunto*, a leitura de *Ciganos: História, Identidade e Cultura* consegue trazer o leitor desde as origens das tradições ciganas, com sua presença ibero-americana, até à contemporaneidade, caminhando pelas ruas e campos do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

Karpowicz, D. S. (2018). *Ciganos: História, Identidade e Cultura*. Editora Fi.

Mott, L. R. de B. (2013). *A Inquisição em Sergipe*. Editora UFS.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.